

O QUE OS REGISTROS DE CRIANÇAS [EM DIÁRIOS] NOS DIZEM SOBRE AS PRÁTICAS DE LEITURA

MARIANA BORTOLAZZO (UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA "JÚLIO DE MESQUITA FILHO" - UNESP).

Resumo

Este trabalho é um recorte de um projeto de pesquisa que tem sua base material na produção de diários, escritos por crianças, em condição de produção concomitante e "paralela" às tarefas escolares. Os diários, documentos pouco estudados e valorizados no mundo contemporâneo (CUNHA, 2008), podem ser fontes de resgate da memória, de reconstrução histórica, de registros autobiográficos ou como um instrumento didático-pedagógico. É a partir desta característica que se desenvolve esta proposta de pesquisa: de como crianças, de 6 a 14 anos de idade, em um projeto de acompanhamento escolar, tecem considerações acerca do ato de escrever e de ler. O projeto de acompanhamento escolar é oferecido pela ONG ARTEVIDA, em Rio Claro-SP, a cerca de 20 crianças. Os diários, concebidos como um instrumento didático-pedagógico (MACHADO, 1998), são produzidos pelas crianças em encontros semanais e em outros espaços. Neste trabalho, o foco está nos textos escritos das crianças e tem como objetivo levantar e analisar o que dizem sobre suas práticas de leitura: tanto a leitura de mundo quanto a leitura da palavra (FREIRE, 1993). Ao acatar a proposta de escrita do diário, tendo explicitada a sua função de prática e de reflexão, as crianças têm em mãos um suporte, em que escrevem, e a elas abre-se um espaço de possibilidades para dizer sobre qualquer assunto de sua preferência: algum fato marcante da escola, do projeto, de casa, algum aprendizado novo e também de alguma leitura que tenham feito. Análises preliminares têm nos indicado a presença de práticas disseminadas que estreitam relações entre uma leitura de mundo e a leitura da palavra, de modo a torná-las mais vivas. A leitura e a palavra.

Palavras-chave:

Práticas da leitura, Práticas da escrita, Diário.

Introdução

Este trabalho é um recorte de um projeto de pesquisa, em andamento, que tem sua base material na produção de *diários*, escritos por crianças, em condição de produção concomitante e "paralela" às tarefas escolares. Os *diários*, documentos pouco estudados e valorizados no mundo contemporâneo (CUNHA, 2008), podem ser fontes de resgate da memória, de reconstrução histórica, de registros autobiográficos ou como um instrumento didático-pedagógico. É a partir desta característica que se desenvolve esta proposta de pesquisa: de como crianças, de 6 a 14 anos de idade, em um projeto de acompanhamento escolar, tecem considerações acerca do ato de escrever e de ler. O projeto de acompanhamento escolar é oferecido pela ONG *Núcleo Artevida*, em Rio Claro-SP, a cerca de 20 crianças.

O Núcleo Artevida se localiza em um bairro periférico da cidade e oferece diversos programas e projetos à comunidade local, como artesanato e costura - que possibilitam uma preparação dos participantes para o mercado de trabalho - , aulas de introdução à informática para crianças, projeto de educação ambiental, aulas para adultos que não completaram os estudos em idade regular (EJA), contadores de histórias e acompanhamento escolar para crianças, como é o caso do projeto

"Multiplicando o Saber", no qual são desenvolvidas as atividades com as crianças participantes da pesquisa.

O projeto "Multiplicando o Saber" se relaciona com o projeto PEJA - Projeto de Educação de Jovens e Adultos, um programa institucional da UNESP, que atende jovens e adultos que ficaram à margem da educação regular. O PEJA, além de promover atividades dentro do próprio campus da UNESP em Rio Claro, atua juntamente com a ONG no mesmo bairro há alguns anos e em 2008, pelo fato de grande parte dos alunos adultos levarem seus filhos para as aulas, sentimos a necessidade de pensar em um projeto que atendesse também as crianças que procuravam a ONG e apresentavam algumas dificuldades na escola. Dessa forma, o projeto "Multiplicando o Saber" e o projeto PEJA atuam com o intuito de promover atividades educacionais de qualidade e com propostas paralelas às escolares, tanto para crianças quanto para adultos que compartilham do mesmo espaço físico e mesma biblioteca. Procuramos também, elaborar atividades que integrem ambas as gerações: pais e filhos, avós e netos que frequentam as aulas.

Assim, o projeto "Multiplicando o Saber" atende hoje aproximadamente 20 crianças residentes no bairro onde é situada a ONG. Atualmente algumas crianças que buscam o projeto tem algum vínculo com os participantes do PEJA e outras não. Conta com a participação de três bolsistas estudantes do curso de Pedagogia da UNESP e recebe apoio do Conselho Municipal de Educação.

Os participantes do projeto apresentam em grande parte, dificuldades nas práticas de leitura e escrita, o que desencadeia dificuldades nas demais disciplinas escolares. Alguns ainda, apresentam distorção idade/série, devido à reprovações. O objetivo do projeto se configura em promover atividades paralelas às escolares e que proporcionem momentos diferentes de contato com a leitura e escrita, por acreditarmos que dessa forma pode-se contribuir para a criação de maior interesse dos alunos pelas práticas de leitura e escrita e ainda, possibilitar um olhar mais crítico e questionador para os trabalhos que são realizados.

Da escolha e proposição de um instrumento de escrita: *diários*

O diário - considerado aqui como instrumento de escrita que possibilita reflexão de quem lê e de quem escreve - foi escolhido como instrumento para acompanhar a trajetória da escrita de cerca de 20 crianças, sujeitos da pesquisa, participantes de duas turmas de acompanhamento escolar oferecido pela ONG *Núcleo Artevida*, localizada em um bairro periférico da cidade de Rio Claro - SP. Essas crianças, que têm entre 06 e 14 anos de idade, são também frequentantes da rede municipal de ensino, e em geral, apresentam dificuldades principalmente no que se diz respeito às práticas de leitura e escrita.

O *diário*, como um instrumento que tornam efetivas as práticas de leitura e escrita, é elaborado coletivamente durante os encontros semanais e eventualmente em outros espaços. Pode-se considerar que os diários produzidos se configuram como "veículos" para a elaboração de saberes quanto à linguagem escrita, pelas crianças, ao mesmo tempo em que são fontes materiais da pesquisa que busca identificar através da análise dos escritos, as modificações - ou não - da expressão pela linguagem escrita, além de buscar elementos que indiquem uma reflexão da escrita pela própria criança.

Para Cunha (2007), a escrita de si nos diários, representa um tipo de "escrita ordinária", pois relata o efêmero, o cotidiano, onde o sujeito comum/ordinário transforma-se em alguém importante e faz de suas ações e experiências diárias

algo também importante. Na maioria das vezes, o autor do diário é um narrador solitário que conta suas vivências e experiências para si mesmo (p. 2).

Neste trabalho, o foco está nos textos escritos das crianças e tem como objetivo levantar e analisar o que dizem sobre suas práticas de leitura: tanto a leitura de mundo quanto a leitura da palavra (FREIRE, 1993).

Como material referencial, foi utilizado o *Diário de Leituras*, proposto por Machado (1998: XX), o qual, elaborado com a intenção didático-pedagógica, tem como objetivo "textualizar o próprio processo de aprendizagem", além de proporcionar um diálogo informal entre leitor e texto. A produção desse tipo de escrita, segundo a autora, propicia condições determinadas de leitura: mais lenta, estratégica, consciente, crítica e criativa, além de promover uma interação entre as informações, o leitor e o texto. Mesmo tendo a finalidade de instrumento didático, o diário de leituras admite também uma abertura para a escrita subjetiva, para uma escrita de si. Os alunos são convidados a participar ativamente de seu próprio processo de aprendizagem, estabelecendo não somente um diálogo crítico formativo com o texto, mas ainda um diálogo pessoal, consigo mesmo. Vale lembrar, no entanto, que essa prática de escrita mais pessoal fica limitada a partir do momento em que sabe-se que uma outra pessoa - no caso, a professora - se valerá de suas anotações não pessoais e pessoais para a observação, avaliação de aprendizagem.

Não é com a mesma intenção que propomos a construção dos diários nas turmas do projeto "Multiplicando o Saber", mesmo porque os diários de leitura propostos por Machado (1998), foram utilizados por uma turma de graduação; no entanto, alguns princípios e objetivos são similares, no que dizem respeito aos objetivos da autora: clarificação de idéias e sentimentos sobre o ensino e os modos de se resolver problemas; conscientização de atitudes pessoais e modificação do sujeito; detecção de dificuldades e conquistas individuais, melhoria de condições de avaliação em processo; promoção do aprendizado autônomo, pelo aumento da confiança dos alunos na capacidade de escrita (MACHADO, 1998).

O que diferencia esta proposição, dos diários de leitura utilizados por Machado, é o fato de que os alunos são convidados a escrever sobre temas diversos, de interesses próprios - com a possibilidade de serem direcionados algumas vezes, decorrentes de discussões no contexto dos trabalhos - não apenas a prenderem-se ao diálogo com os textos lidos. Assim, podemos dizer que será considerada também a leitura de mundo (FREIRE, 1993) - de fatos ocorridos, das atividades do projeto, das aulas da escola, da família, das coisas observadas à sua volta, nos trajetos que fazem - que as crianças poderão registrar nos diários, e não somente a leitura que fazem das palavras de um texto.

Para dar suporte aos estudos e à proposição da escrita de diários, foram se tornando questionamentos primordiais, esses que leio em Silva et al (1986):

Que leitores queremos? O que é afinal 'ser leitor'? Repetir? O que é afinal 'ser escritor'? (...) Nossos alunos (e ex-alunos) o que escrevem? Quando escrevem? Que noção de ato de escrever a escola infundiu e infunde? Entendemos que o caminho para responder tais perguntas passa também pela busca de coerência entre concepções de mundo e concepções de linguagem. (p. VIII-X).

Tais questionamentos norteiam o trabalho com os *diários* a fim deste instrumento ser considerado como espaço importante para o exercício da escrita, neste caso mais autônoma e subjetiva, mas que tem como um de seus objetivos

estimular os escritores a pensar de forma mais crítica e individual, contribuir para que não se constituam como leitores que simplesmente *repetem*, mas que tenham a possibilidade de dialogar e questionar tanto os textos que leem quanto os fatos que ocorrem no mundo que os rodeia.

A produção do diário

A proposta da utilização do instrumento *diário* com as crianças, sujeitos da pesquisa e frequentantes do projeto "Multiplicando o Saber", iniciou-se com um diálogo sobre como é a escrita diarista, o que é e para que serve um diário, além de terem sido realizadas leituras de trechos do livro "O Diário de Biloca" (GARCIA, 1989), um exemplo de diário, porém fictício. "O Diário de Biloca" se apresenta na forma do diário escrito pela personagem principal, a jovem Biloca, e a leitura de tal livro serviu de suporte para aqueles que nunca haviam se deparado com uma escrita mais pessoal e íntima. Algumas crianças disseram já terem sido ou serem escritores de diários e outros disseram nunca ter tido tal experiência. No início, algumas crianças tiveram certa resistência para iniciar tal escrita, pois diziam não gostar de escrever. Porém, com o passar do tempo, familiarizaram-se com tal instrumento de tal modo, que o momento destinado à escrita passou a ser integrante das aulas do projeto.

Os diários são produzidos uma vez por semana, durante os encontros na ONG e em alguns casos, em outros espaços, pelas crianças que solicitam que o diário seja levado para casa, para que os registros dos acontecimentos possam ser realizados no momento em que ocorrem. Dessa forma, há relatos feitos durante as aulas da escola, durante as aulas do projeto, outros em casa, no quarto, em um momento em que outras pessoas não podem atrapalhar (como o diário de K[1], que contém registros às 00h03, 2h30 da manhã).

É interessante observar o momento de escrita dos diários durante as aulas, a começar pela entrega do material: alguns reconhecem seus diários de longe, pois há algumas marcas já na capa do caderno. Logo em seguida, pegam no lápis e aproveitam o momento de forma particular: enquanto uns se empenham para escrever ao máximo, outros aproveitam para registrar por meio de ilustrações ou quadrinhos ou mesmo ilustram o próprio texto, e aqueles que se encontram em níveis iniciais de alfabetização, aproveitam para registrar as novas palavras que aprenderam. Algumas crianças se aborrecem com aquelas que querem ver seus escritos, já que foi de comum acordo todos respeitarem a particularidade de cada um.

"Quando eu crescer eu vou ser bombeiro. Eu vou por um cadeado para ninguém ler. Fim". (Diário de LF, 10 anos - 22/04/09).

Outras crianças, pedem para que seu registro seja lido para toda a turma. Alguns ainda dizem não sentirem vontade de escrever, mas não deixam de fazer um registro, ainda que muito breve naquela data.

Sobre os escritos produzidos, há diversos temas nos relatos: como foi o dia na escola, como foi a aula do projeto, sobre o fim de semana com a família, sobre uma coisa que gosta muito ou que não gosta, sobre seus desejos e sonhos, comentários sobre algo que leram, entre outros. Os temas são de escolha própria e, em alguns casos, há necessidade de direcionar os registros, pelo desenvolvimento de algum trabalho realizado. Os escritos são singulares: cada olhar se expressa de uma maneira e são livres para escrever aquilo que os toca naquele momento, ou podemos considerar que fica registrado aquilo que se constitui como experiência vivida por cada um, concebendo a experiência como compreendida por Larrosa

(2001, p.21): "A experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece ou o que toca. A cada dia se passam muitas coisas, porém ao mesmo tempo, quase nada nos acontece".

Assim, acreditamos que a produção do *diário* poderá representar um local de "depósito" de experiências vividas por crianças que são convidadas a serem ouvidas - ou "lidas" - em um momento de suas vidas em que são excluídas de várias formas: pela escola, seus dirigentes e professores, sendo consideradas os "menos inteligentes" da turma sem receber o acompanhamento necessário, não sendo consideradas como seres individuais, com tempo de aprendizagem e dificuldades específicas; e pela sociedade, que exclui a população menos favorecida de forma clara e agressiva de seus direitos como cidadãos - como por exemplo, o direito a escolas de qualidade, não bastando apenas a garantia do acesso às instituições de ensino.

O que os registros nos diários nos dizem sobre as práticas de leitura

Como já citado acima, neste trabalho constitui-se como objetivo levantar e analisar, nos registros feitos nos diários o que as crianças dizem sobre suas práticas de leitura: tanto a leitura de mundo quanto a leitura da palavra (FREIRE, 1993).

Não há, no entanto, nos diários analisados até o momento, muitos relatos sobre um tipo de texto específico, ou a reflexão sobre a leitura de um determinado livro. Os registros encontrados referem-se principalmente ao registro de experiências (LARROSA, 2001), ou à leitura que fazem do mundo como um todo: seus medos, suas satisfações, suas alegrias e tristezas, seus incontentamentos, sobre as atividades desenvolvidas no projeto, entre outros.

Registros que contém a opinião das crianças no que se refere à **leitura** de um modo mais geral, pode ser observado nos diários de J e K:

"Leitura é tudo de bom. Eu acho que leitura é muito bom, queria que todos gostassem de ler. Os livros são ótimos. O livro que eu mais gosto de ler é a Turma da Mônica, é muito legal" (Diário de J, 13 anos - 17/06/09.)

"Ler para mim é um passatempo. Eu adoro ler e escrever, é uma coisa SUPER-LEGAL!" (Diário de K, 10 anos - 17/06/09)

O diálogo com um texto apareceu nos registros de muitas crianças quando, durante as aulas do projeto "Multiplicando o Saber", foi estudado o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA). Após as atividades programadas e muita discussão, as crianças, mais uma vez convidadas a registrar o que as tocou - não necessariamente o acontecido daquele dia de aula - realizaram muitos registros questionando o que estava escrito em tal lei:

"Na minha opinião, as crianças não são respeitadas sempre (...) podia estar na lei, não sujar a natureza (...) a lei deveria cumprir o que eles falam, tinha que ter mais atendimento no posto de saúde" (Diário de E, 11 anos - 06/05/09)

"As crianças deveriam trabalhar e no estatuto está que só maiores de 18 anos devem trabalhar. Na lei tem que ter um professor especialista para crianças portadoras de deficiências. Na minha sala tinha uma criança paraplégica [ele quis dizer que em sua sala de aula

havia um aluno portador de necessidades especiais e não havia um professor especialista que o auxiliasse, como é previsto em lei.] Nosso bairro precisa ter mais segurança (...) Devia ter mais médicos" (Diário de V, 11 anos - 06/05/09).

"Hoje nós falamos sobre o estatuto. Nós vimos a historinha da Mônica que o Franjinha conta, sobre saúde, respeito. Eu não acho certo as crianças trabalharem (...) é preciso estudar." (Diário de G, 11 anos - 06/05/09).

"(...)Hoje conversamos sobre o estatuto da criança e do adolescente, escutamos a historinha da Mônica, foi legal, só que onde fala [que as crianças não devem trabalhar] sobre o estatuto, criança deveria trabalhar na minha opinião. (...) Eu acho que criança não deveria ir para a escola. É chato na minha opinião. Tudo que fala no estatuto deveria ser cumprido, só que ninguém cumpre. Tem criança que sofre de abuso sexual, eu acho que isso é uma discriminação contra a criança. O estatuto não deveria só falar, deveria cumprir com sua promessa de ter um mundo melhor, não basta falar" (Diário de J, 13 anos - 06/05/09)

Pela leitura dos trechos apresentados acima, é possível perceber como as crianças, por meio da escrita dos diários, dialogam com um texto lido (no caso, alguns artigos do ECA) e com o contexto social em que vivem. O bairro onde residem é bastante precário e faltam diversos recursos básicos para a população, como por exemplo, asfalto nas ruas, melhor atendimento no posto de saúde - que atende a população até às 16h, de segunda a sexta-feira -, entre outros. Dessa forma, o maior questionamento dos alunos foi com relação ao que é garantido por lei e o que acontece na realidade. Sem terem sido direcionadas, a maioria levantou a questão: "por que o que está escrito, o que lei, não é cumprido?". Estes trechos dos diários colocam seus autores em uma situação de questionamento, se a palavra escrita - principalmente o que diz respeito ao âmbito legal - tem realmente valor. Pode-se ler em alguns registros, ainda, a opinião de algumas crianças contrárias ao que é previsto no estatuto, principalmente a questão do trabalho infantil: alguns acreditam que as crianças deveriam poder trabalhar, e isso pode ser compreendido quando se conhece o contexto social em que estão inseridos onde, muitas vezes, as crianças têm que ajudar no orçamento da casa e isso é encarado com naturalidade, por isso não acham errado. Para Paulo Freire (1993),

[...] a leitura do mundo precede sempre a leitura da palavra e a leitura desta implica a continuidade da leitura daquele. [...] De alguma maneira, porém, podemos ir mais longe e dizer que a leitura da palavra não é apenas precedida pela leitura do mundo mas por uma certa forma de "escrevê-lo" ou de "reescrevê-lo", quer dizer, de transformá-lo através de nossa prática consciente. (p. 13)

Dessa forma, é possível perceber, na leitura dos trechos apontados, que as crianças *escrevem* seu mundo e o questionam, a fim de, como cita Freire, transformá-lo de alguma forma, a começar pelo seu posicionamento crítico.

Outros relatos apresentam fatos marcantes, sem ter relação com um texto lido, mas que fazem referência ao cotidiano dos sujeitos:

"Na sexta-feira eu fiz prova, eu achei legal porque foi com consulta, foi de português. Eu quero tirar 10 na prova. Na pesquisa de ciências

eu tirei 9 e 10. Nossa, minha mãe gostou e minha professora me deu um parabéns!" (Diário de E, 11 anos - 26/06/09).

"Hoje eu não fui a escola, eu não gostei da escola nova. Prefiro 1 só professor do que 8 professores. Quando eu crescer eu vou ser delegado de polícia, para defender os inocentes da droga e da violência" (Diário de V, 11 anos - 22/04/09).

"Eu acho que a escola é uma droga, mas para as professoras a escola é boa". (Diário de L, 10 anos - 13/05/09).

"Neste momento eu estou na escola e levando uma bronca, não só eu, mas a sala inteira. É porque todo mundo foi mal na prova. Quando eu ver minha nota, eu vou contar para você [para o diário], tá! Tchau!" (Diário de K, 10 anos - 29/05/09).

"Eu não gosto do meu nome. Eu fico chateada [quando fazem piadinhas sobre seu nome], mas foi minha madrinha que 'pois' este nome em mim. (...) A minha colega, eu não lembro o nome dela, mas ela me chamava de R. cara de cabrita e eu chorava quando eu estava na 3ª série. EU NÃO GOSTO DESTES NOMES" (Diário de RC, 13 anos - sem data).

Este relato foi feito após uma das monitoras do projeto, sem saber que ela não gostava, disse seu nome inteiro.

"Na rua que eu moro teve festa junina. Teve fogueira, bolo, quentão, canjica, pipoca, arroz doce. Na rua teve bastante gente. Meu pai fez fogueira e churrasco. Eu gostei muito" (Diário de E, 11 anos - 23/06/09).

Estes registros apontam que as crianças, quando fazem uso do diário, sentem-se, ao que nos parece, um pouco mais livres para escrever aquilo que os toca em determinado momento: como o trecho do diário de V., onde traduz em palavras sua vontade de seguir uma profissão que possa ajudar as pessoas; fato este que também pode ser compreendido pelas experiências cotidianas pelas quais esta criança passa no bairro em que reside. Ou como no relato de RC, que diz ficar chateada quando as pessoas falam seu nome inteiro e fazem chacotas; esta criança faz uso das palavras para expressar seu descontentamento com algumas atitudes. Ao contrário, no relato de E, fica evidente como uma festa típica, que ocorreu na rua de sua casa, deixou a criança feliz, até por estar ao lado do pai e quando tira notas boas na escola, sua mãe e professora se orgulham da menina, o que faz com que seja tão significativo para ela a ponto de merecer um registro no diário.

Algumas considerações

A partir das considerações feitas ao longo do texto, é possível apontar que, embora o contexto de produção dos diários seja diferente do *Diário de Leituras*, proposto por Machado (1998), os objetivos apontados pela autora podem ser delineados também no trabalho com as crianças, autoras dos diários: clarificação de idéias e sentimentos sobre o ensino e os modos de se resolver problemas, que têm a ver, em boa parte, em seus contextos de vida; conscientização de atitudes pessoais e modificação do sujeito, que se pautam por registros de conteúdos críticos, como é o caso frente ao conhecimento de trechos do ECA; detecção de dificuldades e conquistas individuais, melhoria de condições de avaliação em processo, algo que pode ser pensado nos comentários de sua vivência escolar;

promoção do aprendizado autônomo, pelo aumento da confiança dos alunos na capacidade de escrita, mesmo que, em alguns casos, dificultado pela própria limitação de uma habilidade específica - desenvoltura no código escrito - a prática da escrita se dá pelo ato de escrever.

Assim, é possível perceber que, através da produção dos diários, as crianças fazem uso das palavras para registrar a leitura que fazem do mundo em que vivem, desde seus diálogos com textos até às experiências, boas e ruins, tornando possível estabelecer uma relação entre a leitura de mundo e a leitura da palavra, de modo a torná-las mais vivas. A leitura e a palavra.

Linguagem e realidade se prendem dinamicamente. [O ato de ler] não se esgota na decodificação pura da palavra escrita ou da linguagem escrita, mas se antecipa e se alonga na inteligência do mundo (FREIRE, 1993, p. 09).

Referências Bibliográficas

BONDÍA, Jorge Larrosa. *Notas Sobre a experiência e o saber de experiência*. Revista Brasileira de Educação. Campinas: Autores Associados, nº 19, p.20-28, Jan/Abr. 2002.

CUNHA, Maria Teresa S. *Do Baú ao Arquivo: Escritas de si, escritas do outro*. Patrimônio e Memória (UNESP. Online), v. 3, p. 1-18, 2007. Disponível em: Acesso: 07 nov 2008.

FREIRE, Paulo. *A importância do ato de ler: em três artigos que se completam*. São Paulo: Cortez, 1993.

GARCIA, Edson Gabriel. *O Diário de Biloca*. São Paulo: Atual, 1989. 12 ed.

MACHADO, Anna R. *O diário de leituras. A introdução de um novo instrumento na escola*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

SILVA, Lilian Lopes Martin da, et al. *O ensino de Língua Portuguesa no primeiro grau*. São Paulo: Atual, 1986.

[1] Serão utilizadas aqui, somente as iniciais dos nomes das crianças, para manter a privacidade e integridade de cada um dos autores.